

Cadu Ávila

Música e dança. Esta forma, busquei entender os grupos de cultura popular que conhecemos como Maracatu. Construído entre a dança e a música, neste segundo (ritmo), é uma das manifestações artísticas e culturais mais ricas do país, com uma diversidade infindável de baques, podendo ser desenvolvido como maracatu de orquestra (rural ou

baque solto) e Maracatu de baque virado (nação), além dos vários grupos percussivos e bandas, tal qual Nação Zumbi, que se utiliza da influência direta do Maracatu em composições modernas embaladas pela distorção das guitarras e suas performances nos grandes palcos do Brasil.

Nesse sentido, é possível encontrá-lo em diversos estados e com diferentes formações de ritmos e danças. A dança, no Maracatu nação, por exemplo, é bem representada pela calunga – boneca de

caráter religioso que compõe o corpo de dançantes – que é parte integrante do cortejo real no desfile para mostrar a cidade e ao carnaval a beleza desta cultura popular. Já seu ritmo feito pelos batuqueiros e/ou Maracatuzeiros utiliza-se de Agogôs, Gongês, Xequerês e/ou Abê, Alfaias e Caixas, contagiando a todos em longos e animados cortes carnavalescos. Com essas características, os grupos envolvem cerca de 50 pessoas em uma apresentação.

“A Reinvenção do Mara-

catu em Alagoas no Século XXI” foi o tema da monografia para conclusão do curso de Bacharel em Ciências Sociais no ano de 2011. A monografia está focada na atualidade do maracatu em Alagoas, observando a “reinvenção” depois da oficina ofertada por Wilson Santos em 2007, até a coroação do Maracatu Nação Acorte de Airá, que aconteceu em novembro de 2011. Neste intervalo de tempo, os três maiores grupos que surgiram depois desta oficina, foram: Maracatu Baque Alagoano;

Coletivo AfroCaeté e Maracatu Nação Acorte de Airá. Em cinco anos de atividades, hoje começam a surgir novos grupos e atividades na capital alagoana e também em Penedo, tais como: Maracatu Nação Raízes da Tradição, Maracatodos, Batuque Yá, Projeto Tambores – Penedo/UFAL. Este aspecto da reinvenção demonstra a capacidade de criação e potencialidade de reunir pessoas em diversos grupos, nos levando a pensar em uma cena do maracatu.

Traço sócio-histórico

Em nosso Estado, podemos pensar um traço sócio-histórico para o maracatu dividido basicamente em três momentos, extraídos da observação dos documentos e textos aos quais tive acesso até o fim da pesquisa para a construção de um texto monográfico, em 2011.

O primeiro momento é a existência antes do Quebra de Xangô de 1912, que foi evento aterrorizante de perseguição aos Terreiros de Xangô da

pequena cidade de Maceió, no início do século passado. Nossa afirmação tem a base nos estudos de Ulisses Neves (2012) e de Cavalcanti (2010), antropólogos contemporâneos, e também no folclorista dos meados do século XX, Duarte (1975), que relata em seu catálogo da Coleção Perseverança, os fatos da perseguição que sofreu Tia Marcelina dentro de sua casa de Xangô, na ocasião do Quebra. Os grupos que praticavam os toques nos xangôs e nos locais festivos profanos foram obrigados, pela força das armas, a pararem de exercer suas atividades ritualísticas e brincantes. Assim sendo, os maracatus possivelmente pararam seus tambores após o Quebra. Outro fato interessante que acontece até os anos de 1911 é o aparecimento de mestres de maracatu na literatura de jornais do período, um deles é Manoel Inglês, líder de um grupo e de festas na cidade, também é braço direito do então Governador Euclides Malta, que foi símbolo e motivador das perseguições aos terreiros. Essa associação entre o governador e os grupos da época pode ter ajudado ao arrefecimento dessa expressão de cultura popular.

Ao ler o livro de Ulisses Neves intitulado ‘Xangô Rezado Baixo’ (2012), uma passagem chama-me muita atenção e ajuda a pensar na



Coletivo Afro-Caeté na prévia carnavalesca de 2014

análise do período pós-Quebra de Xangô. Para onde foram os maracatus e terreiros? Deixam de tocar os tambores por medo da perseguição? O referido autor afirma que os tambores saíram dos rituais, mas iniciou-se assim a modalidade ‘xangô rezado baixo’, vejamos:

“A essa altura, já não mais se ouviam os atabaques na cidade, ausentes, inclusive, da exposição realizada na rua Pernambuco Novo. Depois disso nunca, mais se teve notícia da presença de maracatus nos carnavais de Maceió; seus mestres, confundidos não sem razão, com os babalorixás dos terreiros perseguidos, já não se encontravam mais na cidade. A grande maioria buscou refúgio nos estados vizinhos e até em locais mais distantes, como a Bahia e o

Rio de Janeiro. As manifestações populares integradas por negros passaram a ser vistas com certa desconfiança, principalmente os xangôs, os quais continuaram a ser desenvolvidos pelos poucos remanescentes daquelas antigas casas, que insistiram em permanecer no local mantendo suas atividades religiosas; mais por temerem as punições dos orixás que as das autoridades policiais. Resultou daí essa nova modalidade de rito mais discreta, reservada e sem a exuberância de outrora, a qual se convencionou chamar de ‘Xangô rezado baixo’, assim denominado por dispensar o uso de tambores e zabumbas.” (2012: 42-43)

Com a explicação de Ulisses Neves (2012), entendemos claramente que o período do

‘xangô rezado baixo, em essência, foi o momento de saída dos tambores do estado de Alagoas, motivados, principalmente, pela repressão que o Quebra gerou e que o novo governador da época, Fernandes Lima, que antes era opositor de Euclides Malta, legitimava. O medo das autoridades policiais é claro na citação acima, e que a forma de resistência era o silêncio nos rituais. Porém, para os maracatus, que eram expressões profanas de parte da religião, e portanto carnavalescas, naquele período, não fazia sentido sua existência sem tambores.

A perseguição às Casas de Xangô foi tamanha que, no Centenário do Quebra, em 2012, o Governo de Alagoas pediu desculpas aos terreiros publicamente em um grande

ato político na Praça dos Martírios, um dos roteiros do Quebra. Com as atividades de celebração do Centenário do Quebra, muitas perguntas surgiram sobre os maracatus alagoanos, entre elas a de sua existência antes do Quebra e sua relação com o mesmo para o desaparecimento da expressão cultural. Além de ser um fato, sem dúvidas, o ataque aos terreiros foi uma razão fortíssima para a diminuição das atividades carnavalescas ligadas aos xangôs da cidade, essas questões se transformaram em objeto de pesquisa no Mestrado de Antropologia.

Os maracatus só reaparecem em 1940, quase trinta anos após o episódio do Quebra e serão narrados pelos folcloristas alagoanos depois da metade do século passado.